

Serra Pelada, uma ferida de ouro aberta na selva

O dia em que Rita Cadillac pirou o garimpo

Texto de RICARDO KOTSCHO
Fotos de JORGE ARAUJO
Enviados especiais à Serra Pelada

Gritos, urros, garimpeiros correndo de todos os lados para a área do tilim. Terá acontecido mais um acidente?

— E briga, é briga, o pau tá comendo lá em baixo, vamos lá.

E só isso mesmo: dois garimpeiros se desentenderam por uma bobagem qualquer lá no fundo da cava — o suficiente para quebrar a silenciosa rotina desta linha de montagem da fábrica de sonhos que nos faz voltar à Idade Média.

Duas da tarde. Indiferentes a esta agitação toda, alguns garimpeiros permanecem impassíveis diante de três toscas cruces de madeira nua, que lembram o acidente do domingo anterior. Cinco requeiros cavavam na margem alta do garimpo, 100 metros acima da área da Terra Preta, em hora e lugar proibidos (nas tardes de domingo a cava é interdita).

Eram todos jovens, sabiam o perigo que estavam correndo. Só que a vida e a morte têm aqui um outro sentido, outro valor. Três morreram, dois conseguiram se salvar por milagre e, no dia seguinte, lá estavam outros requeiros no mesmo lugar. A terra ali já foi movimentada pelas obras de rebaixamento da cava no início do ano, é uma terra fofa que desbarraça com a primeira chuva. O desespero de poder gritar tá fagulhando, no entanto, é mais forte que tudo, ainda mais à medida que se chega perto das festas de fim de ano, de voltar para casa com algum dinheiro no bolso — ao menos, o da passagem.

Assim como estourou, em questão de segundos a bagunça acaba. Em frente ao escritório da Docego, onde o ouro é pesado para ser vendido à Caixa Econômica Federal, os garimpeiros vão depositando latas, garrafas, chapéus, qualquer coisa para marcar o lugar na fila. Os guichês agora só vão reabrir na segunda-feira e as filas são sempre monumentais, o dia todo. Certa vez, contam, um garimpeiro marcou seu lugar na fila com um cheque de Cr\$ 20 milhões. Ninguém roubou, mas a chuva poderia ter levado sua fortuna embora, sem ele entender nada — a maioria ainda só acredita em dinheiro vivo, quer pegar um "bolinho de barão na mão".

Na entrada da agência da Caixa Econômica Federal, lê-se num cartaz: "Um garimpeiro nordestino dá recado para os filhos através da CEF — Meus filhos me perdoa! Seu pai não fugiu de covarde. E que não dava mesmo. Agora, Deus me ajude. Serra Pelada ajudando, vou mandar mais comidas para vocês. Meus filhos!!!"

Com o Gran Circus, entram as primeiras mulheres no garimpo

É como se fosse um Brasil de brinquedo, em miniatura, espalhado ao largo da antiga pista de pouso do garimpo, onde se instalou o centro administrativo e comercial do garimpo, tendo ao fundo um grande circo de lona nova, o Gran Silva Circus.

O circo veio parar aqui há duas semanas e fez furor: afinal, desde a intervenção, era proibida a entrada de mulheres no garimpo e muitos desses homens estão sem ver uma há muito tempo. Pois não é que, além das dançarinas, malabaristas e trapezistas, o circo ainda trouxe as reboletivas cantoras Cynthia e Sol, arrastou até lá a fantástica Rita Cadillac e ainda anuncia para os próximos dias um strip-tease?

A idéia foi de um jornalista, Alberto Leraistre, que assessorava o governo do Estado do Piauí, pediu licença, juntou-se a um compadre que é do ramo — Olívio Acino da Silva, o paião do "Chicotinho" — e arrumou Cr\$ 40 milhões emprestados para montar um circo novinho em folha na Serra Pelada.

Os garimpeiros até se esqueceram da carne de boi que seca os testículos. Quando chegamos a Serra Pelada só se falava em Rita Cadillac: do coordenador Otávio Blanco Rodrigues, passando por bamburrados e blefados, ninguém conseguia esquecer a noite em que ela enlouqueceu o garimpo. Um bamburrado chegou a lhe dar de presente uma pepita de 300 gramas de ouro (algo em torno de Cr\$ 4 milhões), sem pedir nada.

Também, Rita Cadillac não deixou por menos. Usando de todos os seus atributos e do famoso recato que a fez ser demitida do programa do Chacrinha, Rita convidou garimpeiros para subirem ao palco e lhe beijarem as bochechas posteriores. Um deles não se conteve. Andando como um cachorrinho, arrancou-lhe a calcinha com os dentes, deu-lhe uma mordida no traseiro, que a ex-chacrete não vai esquecer tão cedo, e foi aplaudido de pé por garimpeiros que jogavam seus chapéus no chão, pisavam em cima, urravam como se estivessem caindo de uma escada adeus, mamãe.

Rita gemeu, suspirou, distribuiu sabonetes em formato de nádegas com seu nome gravado, fez o diabo, pegou o avião, o cachê de Cr\$ 800 mil, a pepita de Cr\$ 4 milhões, e se mandou. Mas, para as artistas que estão há duas

semanas confinadas em Serra Pelada, sem poderem colocar o pé para fora da área do circo, a história é outra.

Ivonne Aires, 38 anos de picadeiro, a motociclista do "globo da morte", dona de um pequeno circo em São Paulo, já estava louca para ir embora logo. Ela veio mais pela curiosidade de conhecer de perto a célebre Serra Pelada, coisa que ainda não conseguiu, do que pelo dinheiro. Para ela, foi uma surpresa saber que mulher não podia entrar no garimpo. Mas já era tarde demais. Entrar até que foi fácil, duro será sair antes do restante da troupe. É muito estranho para Ivonne, pela primeira vez na vida, trabalhar para uma platéia sem crianças, só de homens.

"Chicotinho" e o jornalista-empresário Alberto Leraistre fazem planos para levar o circo a outro garimpo, o de Camaru, a 800 quilômetros de distância, mas ainda não sabem se a estrada está dando passagem, agora que as chuvas começaram. Apesar do sucesso de Rita Cadillac, eles ainda não haviam conseguido recuperar o investimento feito e jogavam suas últimas fichas no "strip-tease" — algo que a maioria desses garimpeiros nunca viu na vida. Leraistre naqueles dias sonhava alto: trazer as mulatas do Sargentelli, as passistas do Joãozinho Trinta...

Solução para os atritos: cai fora da Serra quem não aceita acordo

A uns 200 metros dali, no barraco da coordenação, sede do governo de Serra Pelada, num lugar conhecido por sala da encrenca, os problemas eram bem diferentes. Aqui são resolvidas todas as contendas, broncas, pejejas. Por bem ou por mal: quem não entrar num acordo, cai fora do garimpo. Entra um grupo grande, uns 15 homens, todos raiosos, e um deles vai logo despejando:

— Assim não dá mais. O patrão sumiu, diz que foi arrumar dinheiro para pagar a gente, e não apareceu mais. Nós não temos dinheiro nem para ir embora.

— Onde está o patrão? — No Rio de Janeiro —, responde, baixinho, o capataz, que também está querendo deixar o garimpo para "arrumar o dinheiro do pessoal, coisa pouca, menos de Cr\$ 2 milhões". — Vai sair nada. Vê se encontra esse patrão. Enquanto não arrumar o dinheiro você está proibido de sair daqui. E vocês aí fiquem de olho: qualquer coisa me avisem.

Os funcionários da coordenação, agora sob o comando do Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) têm de ser rápidos: em frente à sede do governo, a fila nunca pára. Nas últimas semanas, têm-se repetido esses casos de patrões que, blefados, alegam que vão vender alguma coisa fora arrumar o dinheiro e nunca mais aparecem. O capataz ainda procura explicar que o barranco está em seu nome, mas só tem 1%, o resto é do patrão.

— Não tenho dinheiro nem para telefonar.

— Vire-se. São tantos os casos, tanta confusão, que o coordenador Otávio Blanco Rodrigues, um geólogo bonachão de meia-idade que herdou esse abacaxi do SNI, já nem se aporrinha mais, só faz sorrir. Em seu gabinete, o entra-e-sai é constante, o telefone não pára de tocar, informes que chegam pelo rádio de Belém e Brasília. Nos seus cálculos, para que o garimpo possa voltar a funcionar no ano que vem, será necessário a movimentação de 6 milhões de metros cúbicos de terra nas obras de aterramento para se fazer o rebaixamento da cava. Como a área para o movimento de máquinas é relativamente pequena, ele acha difícil movimentar mais de 5 mil metros cúbicos por dia. Mas, por essas contas, o trabalho levaria pelo menos três anos.

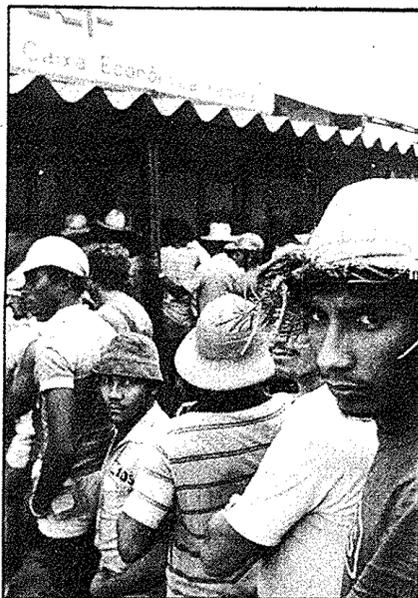
Começa a autogestão e DNPM fica só com a fiscalização

Blanco, porém, lava as mãos: com a autogestão, a ser implantada a partir do ano que vem, esse problema não é mais dele. O DNPM só vai fiscalizar, ver se o garimpo tem condições técnicas para funcionar. O pior, para o coordenador, já passou. Foi no final de outubro, quando o encarregado de anunciar, no palanque da praça, que o presidente Figueiredo havia vetado o projeto de Curió.

— Já pensou que fria? Li a mensagem que o diretor geral do DNPM havia mandado e, de repente, todos começam a me aplaudir, jogando os chapéus para cima. Não entenderam nada. Eu falei que o presidente vetou e eles entenderam que o presidente vetou. Aí tive que explicar o que era veto. Confesso que fiquei com medo naquele dia.

A choradeira foi grande, o número de acidentes no garimpo aumentou com o nervosismo geral.

Ar de jovem executivo bem sucedido, um dono de barranco entra no gabinete e vai avisando sem muita cerimônia: — Doutor, acho que vai dar um



problema no meu barranco. Os meias-praças não entenderam direito o negócio e, se somar as porcentagens de todo mundo, dá mais de 200%. Assim não dá. Se der problema, trago eles aqui.

Depois de algum tempo de prosa, pergunto o nome do jovem.

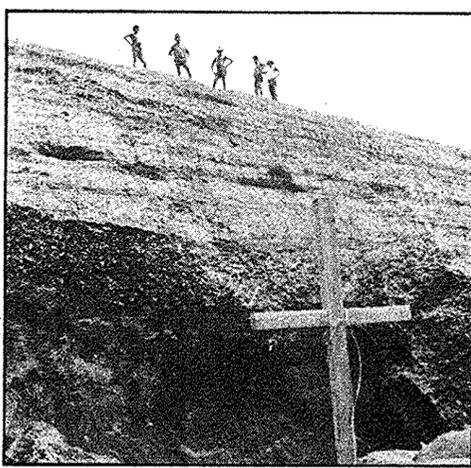
— Ele faz muitas perguntas por que é da imprensa —, explica o coordenador.

— Ah, da imprensa? Tudo bem, agora já estou conversando com repórteres, não tenho mais bronca.

Menos mal. Seu nome é Oswaldo Renzo Filho, jovem médico de São José do Rio Preto, que, junto com o pai, ficou bilionário em Serra Pelada. Para ele, o garimpeiro não pode coordenar garimpo. Por isso, defende a manutenção dos órgãos do governo em Serra Pelada. Mas, como se daria, então, a desejada autogestão dos garimpeiros? Fala-se em cooperativa. Como seriam escolhidos os dirigentes? Por eleição direta?

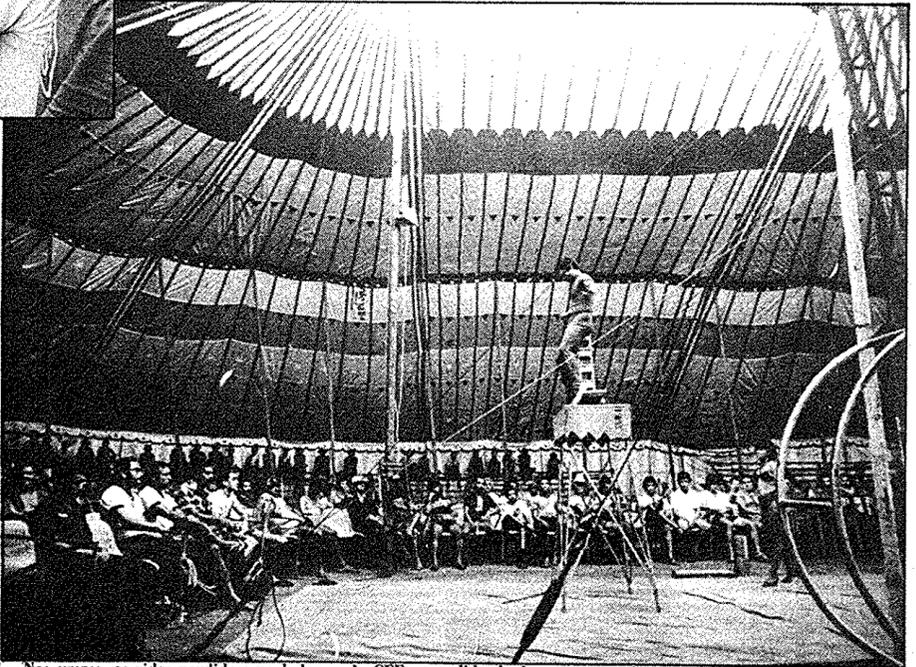
— Aí seria difícil. Pode ser por aclamação. A gente propõe um nome e todos levantam a mão.

Como se vê, nesta original passagem do poder aos civis nem tudo mudou. Não se abre mão assim, sem mais nem menos, de certos hábitos, certos privilégios.



Serra Pelada

Amanhã, "Adeus, em abril começa tudo de novo", na sequência de reportagens sobre o maior garimpo do Brasil.



Nas cruces, as vidas perdidas; na balança da CEF, a medida da fortuna; e no circo a pouca diversão permitida

"Esquina da mentira" registra produção oficial do ouro

Quatro da tarde. O trabalho terminou, vai juntando gente em torno de um marco de madeira, na chamada esquina da mentira, onde está registrada, tonelada por tonelada a produção de ouro de Serra Pelada. É o chamado pau das toneladas. A primeira placa é de junho de 80 e a última é da 20ª tonelada, em 27 de abril de 83. Serra Pelada já está chegando a 30 toneladas, mas não há mais espaço no marco.

O progresso está realmente chegando: agora tem até lavanderia no garimpo. Para lavar uma bermuda, a Lavanderia Aurora cobra Cr\$ 400; já para lavar uma rede sai Cr\$ 1.000. No circo, as arquibancadas vão ficando cheias, embora a sessão só comece às oito da noite. O pessoal fica ali em silêncio, sem espetáculo, sem música, só olhando. Por trás do circo, alguns jovens fazem acrobacias trepando nas cercas para ver se enxergam "algum pedaço de mulher". Mas as mulheres passa o dia escondidas atrás de biombos, lonas, plásticos, dentro das barracas.

Na Lanchonete Paulista, o pessoal vai se encontrando para contar as novidades. Um rapaz com jeito de gente fina, que largou a faculdade de Administração de Empresas no Interior de São Paulo para aventurar no garimpo, fala dos prós e contras desta decisão. No ano passado, ficou oito meses sem ir à sua casa para ver a mulher e a filha. Agora, já está há seis meses "direto aqui no garimpo". Como é isso?

— Eu tenho uma filha de dois anos que nem me conhece. Fala que sou o príncipe encantado dela. Mas, quando ligo para casa, não quer nem falar comigo no telefone.

Jairo Fava, o ex-futuro administrador de empresas, acha que, como investimento, valeu a pena. Gasta Cr\$ 150 mil por mês com a alimentação dos cinco meias-praças (que tem 2% cada e porcentagem no barranco) e outro tanto por dia com os 15 diaristas que trabalham para ele. Até agora, já tirou 30 quilos de ouro, uma fortuna que beira os Cr\$ 450 milhões, mas ele ainda não sabe o que vai fazer com esse dinheiro. Só vai pensar nisso quando puder sair do garimpo.

A maior barra é ficar longe da família. Se um garimpeiro fica muito tempo sem ir em casa, os outros já começam a brincar: "cuidado com o Ricardão..."

No começo, pensei que era alguma brincadeira comigo, mas é folclore do garimpo, a versão amazônica do bordão "vai pra casa, Padilha", do João Soares.

Tudo é motivo para brincadeiras. Um jogo de futebol de salão, especialmente produzido para uma equipe da BBC de Londres, que estava há dez dias fazendo um documentário em Serra Pelada, transforma-se numa grande farrá, fazendo lembrar os campeonatos na Casa de Detenção. Em volta, a torcida xinga indistintamente todos os atletas e o juiz.

Na busca do ouro, surgem nova linguagem e novo homem

O jogo pode não ter sido lá essas coisas, mas os britânicos levaram uma coleção completa de todos os xingamentos possíveis e imagináveis em língua portuguesa — ou melhor, em língua garimpeira, que Serra Pelada vai aos poucos criando uma linguagem própria.

Serra Pelada criou também uma nova figura de garimpeiro, que em nada faz lembrar o estereótipo do homem analfabeto, ingênuo, rude caboclo do fundo do sertão. É o caso do engenheiro químico Edilson Rocha Monteiro, 40 anos, solteiro, um parense que viveu quase a vida toda em São Paulo e resolveu voltar às origens da sua família, imigrantes portugueses desembarcados na foz do rio Amazonas.

Ex-professor do Colégio Rio Branco, dos cursinhos do Objetivo e do Anglo, Rocha sempre quis se especializar em metais preciosos, estudar processos sofisticados de extração de ouro. Chegou até a inventar uma nova máquina de lavagem de ouro, que agora está encostada no seu barraco.

— Chegou um dia em que eu pensei: o que é que estou fazendo em São Paulo, lutando por um espaço cada vez mais difícil? Passar a vida toda dando aulas ou trabalhando como empregado?

A oportunidade surgiu no ano passado quando ele conseguiu uma autorização do DNPM para fazer uma demonstração da sua máquina, o concentrador de ouro, em Serra Pelada. Curió estava em plena campanha para

deputado, facilitavam a entrada no garimpo para quem quisesse.

— Resolvi ficar, virar garimpeiro. Troquei meu Passat por uma porcentagem de 2% num barranco, que até hoje não deu ouro, na Planada Velha. Levantei dinheiro sem achar ouro. Como? Fazendo negócios de cata, de porcentagem para os outros. Este ano era a grande esperança de redenção de todo mundo. Apareceram muitos investidores, jogaram fortunas incalculáveis aqui dentro.

O entusiasmo de Rocha ao falar da sua opção de vida cedo lugar à revolta que ainda curte pelo que aconteceu depois.

— O que ninguém sabia era o plano maquiavélico armado pelo governo para retardar ao máximo a extração do ouro. Um garimpeiro que estava preso na Polícia Federal chegou a ouvir uma conversa no rádio da coordenação em que isso ficou bem claro. O cara daqui falou para o cara de Brasília: "Olha, o pessoal tá chegando no ouro, tá difícil de segurar". Aí o outro deu a ordem: "Dá um jeito. E água no tilim e segurança nos homens".

— Água no tilim e segurança nos homens", uma expressão que correu o garimpo, queria dizer: não mais tirar a água do fundo do tilim e mandar fazer segurança — o trabalho de rebaixamento das encostas — o que impediria o trabalho nos barrancos mais baixos, justamente onde estava dando muito ouro.

Ainda persiste a revolta pela decisão de fechar os campos à busca manual

Dois tipos de interesse estavam claramente em jogo: o do Ministério das Minas e Energia, de um lado, que representava a posição da Vale do Rio Doce/Docego, a empresa estatal que detém o direito da lavra, e, de outro, o dos investidores que jogaram fortunas no garimpo e esperavam o retorno. Por baixo do pano, a disputa era alimentada também por empresas privadas nacionais e multinacionais, que queriam ver os garimpeiros fora de Serra Pelada para tentarem entrar com a mecanização.

No meio do sanduíche, ficavam os pequenos garimpeiros, que só puderam trabalhar 30 dias úteis este ano na cava.

Rocha conta que, diante do fato consumado do fechamento, os garimpeiros e investidores começaram a se reunir em pequenos grupos, principalmente nas cidades de Marabá, Imperatriz e Araguaína, para estudar o que poderiam fazer.

— Falava-se em intervenção por parte do Exército para tirar todo mundo aqui. Nós começamos a perguntar: qual é o nosso direito? A massa da peçoada não tinha muita consciência disso, mas aqui dentro estão muitos profissionais liberais, mais de 200 médicos, engenheiros, advogados, administradores de empresas. De cara, vimos duas Brasília. Era uma política: fomos para Brasília e pressionamos o Congresso. A outra era jurídica: um grupo entrou na Justiça em Marabá e ganhou.

E se a saída política não desse resultado e se a liminar conseguida em Marabá caísse numa instância superior? Rocha diz que se pensou em tudo.

— Olha, moço, eu sou solteiro, ninguém depende de mim. Ser assalariado no Pará ou em São Paulo não interessa

mais na minha vida. Eu só sairia daqui morto. Na época, fiquei sabendo que a Polícia Federal achou um saco com 60 revólveres atrás de uma árvore, pro lado do Serenão.

Pelas ruas barrentas, o povo do garimpo vai caminhando em direção à praça da Bandeira para o ritual de descerramento das seis da tarde. O céu da Serra nesta hora é meio assustador, nuvens pretas encobrindo o alaranjado do horizonte. Vamos caminhando também para a praça, o engenheiro-garimpeiro quer saber as notícias que o coordenador costuma dar depois da execução do Hino Nacional.

— Tem que ver que aqui dentro também tem muito bandido, gente com mais de 20 mortes nas costas, assaltantes. Mas aqui dentro é tudo trabalhador. Já pensou esse pessoal voltando para as cidades? Depois tem outra: o braçal que se habituou a ganhar Cr\$ 400 mil por mês aqui não vai querer se sujeitar a trabalhar de novo nas fazendas, roçar jujuira em troca de comida. O governo não tinha outra saída.

Do alto do palanque dá para ver melhor: a maioria desses garimpeiros perfilados para ouvir os hinos é constituída de jovens, os rostos tensos, precocemente envelhecidos. O pequeno destacamento da PM vem marchando em fila indiana, perfila-se diante da bandeira.

— Atenção, firme! Esquerda volver! Descansar!

O pessoal da coordenação também vem chegando, só que em fila horizontal, conversando animadamente. Todos de camisetas brancas, golas e punhos azuis com o emblema do DNPM, as mesmas que os agentes do SNI usavam no garimpo. O silêncio só é quebrado pelos que não conseguem conter os ataques de tosse. Todos tiram os chapéus, alguns colocam a mão direita no peito.

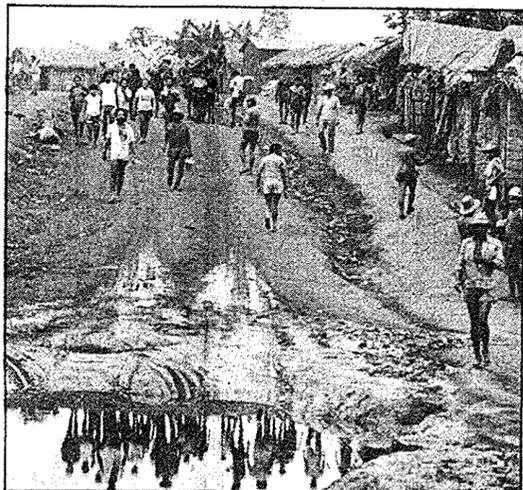
Mais uma vez, o coordenador garante que a notícia do fechamento do garimpo na segunda-feira não passa de boato. Palmas. "Vamos trabalhar enquanto for possível, enquanto houver condições". Palmas. Dali a pouco, mais de cinco mil pessoas lotam os bancos do cinema ao ar livre. No telão, já meio rasgado e avermelhado de poeira, passa mais um faroeste, gênero predileto dos grimpeiros. Cada vez que o mocinho vai dar um beijo na herolna, o pessoal se mexe na cadeira para ver melhor.

Novo da noite. No circo, a esta hora, a platéia parece cansada demais para aplaudir, apesar dos esforços de Cynthia (mulher do cantor Dino, da dupla Deni e Dino, que preferiu ficar na coxia para não ver o que se passa no palco), cantando seu grande sucesso "Do mulher para mulher", bastante apropriado para a ocasião. Os garimpeiros só aplaudem quando o apresentador pede ou quando a cantora se vira de costas, com seu saiotê transparente, e canta: "Eu sei que sou bonita e gostosa..."

Quando ela encerra o show com "Estrada da Vida", o grande "hit" da dupla Milionário e Zé Rico, heróis do garimpo, é bonito ver todo mundo cantando junto neste pedaço de Brasil rasgado no meio da selva: "Nesta longa estrada da vida/Vou andando e não posso parar/Na esperança de ser campeão/Alcançando o primeiro lugar". Nos rostos cansados destes homens simples que nada é capaz de bater, está escrachada toda a capacidade de ousar e realizar os sonhos de um povo — pena que, como lá fora, para além das cercas de arame farpado, isso resulte em benefício de poucos em cima da exploração da maioria.



Otávio Blanco Rodrigues, com dois informes diários para os homens



Nos caminhos enlameados e pobres barracos, sonhos de riqueza